This document was translated from English by machine and may contain mistakes. The English original is at https://www.novaracg.com/2026/06/04/the-governance-gap-what-happens-when-sign-language-ai-outpaces-accountability/.

O Fosso da Governação: O Que Acontece Quando a IA de Língua Gestual Ultrapassa a Responsabilização?

Heather Grizzle · June 4, 2026

Sign language AI is outpacing accountability. Who bears responsibility when it fails, and why procurement is the governance tool that exists now.

Conteúdo

1. Velocidade Sem Estrutura
2. Lições da História Tecnológica Recente
3. Organizações Sem as Ferramentas Para Avaliar
4. As Perguntas Que Recebem Menos Atenção
5. Reconhecimento Sem Proteção
6. Quem Tem a Responsabilidade?
7. Aquisição como Ferramenta de Governança
8. Quem Moldará o Futuro
9. A Janela Para a Governança Proativa

A conversa em torno da IA de língua de sinais está mudando rapidamente. Há apenas alguns anos, muitas pessoas viam o conceito como pouco mais do que um projeto de pesquisa. Ele existia principalmente em periódicos acadêmicos, apresentações em conferências e discussões especulativas sobre o que algum dia poderia ser possível. Hoje, a conversa parece muito diferente. Novos produtos surgem regularmente. Demonstrações circulam nas redes sociais. Organizações estão começando a explorar oportunidades de aquisição. Investidores estão prestando atenção. Governos estão fazendo perguntas. Fornecedores estão se posicionando como pioneiros em um merca-

do que muitos acreditam que poderia remodelar fundamentalmente a forma como as pessoas Surdas interagem com a tecnologia e os serviços públicos. O impulso é inegável. O entusiasmo é compreensível. No entanto, em meio a todo esse entusiasmo, há uma pergunta que se recusa a sair da minha mente.

Quem está realmente protegendo as comunidades Surdas durante esse processo?

A pergunta não pretende ser uma acusação. Não é uma declaração de que algum dano está ocorrendo. Não é uma alegação de que todas as organizações que entram nesse espaço têm más intenções. Na verdade, muitas das pessoas que trabalham com IA de língua de sinais parecem genuinamente comprometidas em melhorar a acessibilidade. Muitos pesquisadores se importam profundamente com as comunidades Surdas. Muitos desenvolvedores acreditam sinceramente que estão construindo ferramentas capazes de ampliar o acesso à comunicação. Muitas organizações estão tentando resolver desafios que existem há gerações. Boas intenções, no entanto, nunca substituíram a governança. Ao longo da história, alguns dos danos não intencionais mais significativos da sociedade surgiram não porque as pessoas quisessem criar problemas, mas porque avançaram sem responsabilidade, supervisão ou envolvimento suficiente das partes interessadas.

Velocidade Sem Estrutura

O que me preocupa não é apenas a tecnologia em si. O que me preocupa é a velocidade com que a tecnologia está avançando em comparação com a velocidade com que as estruturas de governança estão se desenvolvendo em torno dela. Novos sistemas estão sendo introduzidos antes que muitas organizações entendam como avaliá-los. Alegações de marketing estão sendo feitas antes que existam padrões independentes para verificá-las. Promessas de acessibilidade estão sendo promovidas antes que haja um acordo generalizado sobre o que realmente significa sucesso. Conversas sobre aquisição estão ocorrendo em ambientes em que os tomadores de decisão podem ter pouco entendimento sobre a linguística da língua de sinais, a cultura Surda, a legislação sobre direitos das pessoas com deficiência, os padrões de acessibilidade ou as limitações inerentes aos sistemas de inteligência artificial. O resultado é uma situação em que a tecnologia está acelerando enquanto a responsabilização luta para acompanhar o ritmo.

O resultado é uma situ-

Lições da História Tecnológica Recente

> ação em que a tecnologia está acelerando enquanto a responsabilização luta para acompanhar o ritmo.

Quanto mais examino esse cenário, mais me lembro de momentos semelhantes ao longo da história tecnológica. As redes sociais se expandiram rapidamente antes que as sociedades desenvolvessem estruturas significativas para lidar com desinformação, preocupações com privacidade e responsabilização das plataformas. A tecnologia de reconhecimento facial foi implantada em inúmeros ambientes antes que os formuladores de políticas compreendessem plenamente suas implicações para os direitos civis e a vigilância. A IA generativa explodiu na consciência pública antes que governos, instituições de ensino e empregadores tivessem estabelecido políticas abrangentes sobre seu uso. Em cada caso, a inovação avançou mais rápido do que a governança. Em cada caso, a sociedade eventualmente se viu tentando construir salvaguardas depois que os sistemas já estavam profundamente incorporados à vida cotidiana. Essas experiências deveriam servir como lições, não como notas de rodapé históricas.

Organizações Sem as Ferramentas Para Avaliar

A IA de língua de sinais parece estar se aproximando de uma encruzilhada semelhante. As organizações estão cada vez mais recebendo produtos que prometem melhorias de acessibilidade, suporte à comunicação, tradução de idiomas ou eficiências operacionais. Algumas dessas tecnologias podem eventualmente cumprir essas promessas. Outras podem não cumprir. O desafio é que muitas organizações atualmente não possuem as ferramentas necessárias para distinguir entre as duas. Um distrito escolar que avalia uma plataforma de IA de língua de sinais pode não possuir conhecimento interno em linguística da língua de sinais. Uma equipe de aquisições de um hospital pode não entender como avaliar os riscos de acessibilidade associados a sistemas automatizados de comunicação. Uma agência estadual pode não saber quais perguntas devem ser feitas sobre conjuntos de dados de treinamento, métodos de validação, medições de precisão ou limitações de implantação. No entanto, essas mesmas organizações devem tomar decisões de compra que podem afetar diretamente as pessoas Surdas.

As Perguntas Que Recebem Menos Atenção

É aqui que a conversa se torna particularmente importante. As discussões sobre IA de língua de sinais costumam se concentrar no que a tecnologia pode fazer. As demonstrações mostram capacidades. Os anúncios de produtos enfatizam a inovação. Os artigos de pesquisa destacam avanços. O que recebe muito menos atenção é o que acontece quando esses sistemas falham. O que acontece quando um sinal gerado por IA é linguisticamente impreciso? O que acontece quando uma tradução gera mal-entendidos durante uma interação de saúde? O que acontece quando as organizações substituem a expertise humana por tecnologias que não foram validadas de forma independente? O que acontece quando uma comunidade descobre que decisões que afetam sua língua foram tomadas sem consulta significativa? Essas perguntas não são contra a tecnologia. São perguntas de governança. Todo setor maduro as faz. Todo processo de aquisição responsável deveria fazê-las.

Reconhecimento Sem Proteção

A questão se torna ainda mais significativa quando lembramos da relação histórica entre as comunidades Surdas e o reconhecimento linguístico. Por gerações, as pessoas Surdas lutaram para estabelecer a legitimidade das línguas de sinais. Sistemas educacionais inteiros foram construídos partindo do pressuposto de que sinalizar era inferior à língua falada. Crianças Surdas eram punidas por sinalizar. As famílias eram incentivadas a priorizar a fala em vez do acesso à língua. Os defensores passaram décadas provando que as línguas de sinais possuem gramática complexa, estruturas linguísticas sofisticadas, significado cultural e imenso valor. Essa luta não foi teórica. Ela moldou resultados educacionais, oportunidades de emprego, participação social e direitos civis. Hoje, as mesmas línguas que antes eram marginalizadas são cada vez mais vistas como ativos valiosos capazes de impulsionar sistemas de inteligência artificial. Embora essa mudança represente progresso, ela também cria novas responsabilidades. Reconhecimento sem proteção não é suficiente. Valor sem governança não é suficiente.

Quem Tem a Responsabilidade?

Talvez o aspecto mais preocupante do ambiente atual seja a ausência de respostas claras sobre responsabilização. Se um sistema de IA de língua de sinais causa dano, quem é responsável? Se uma organização implanta uma tecnologia que não foi devida-

mente validada, quem responde pelas consequências? Se as comunidades Surdas levantam preocupações sobre precisão, representação ou resultados de acessibilidade, que mecanismos existem para garantir que essas preocupações sejam tratadas? Se empresas coletam dados de língua de sinais, que obrigações elas têm para com as comunidades cuja língua tornou esses sistemas possíveis? Essas perguntas ainda não têm respostas universalmente aceitas. Essa falta de clareza deveria preocupar a todos os envolvidos, incluindo fornecedores, pesquisadores, defensores, formuladores de políticas e profissionais de aquisições.

Aquisição como Ferramenta de Governança

É por isso que a aquisição pode, em última análise, se tornar uma das ferramentas de governança mais importantes disponíveis. A aquisição é frequentemente vista como uma função administrativa técnica que envolve contratos, orçamentos e decisões de compra. Na realidade, a aquisição molda mercados. A aquisição determina quais produtos têm sucesso. A aquisição influencia o comportamento dos fornecedores. A aquisição estabelece expectativas em relação à transparência, à responsabilização e ao desempenho. As organizações possuem um poder tremendo para exigir divulgações significativas antes de comprar tecnologia. Elas podem exigir validação independente. Podem exigir evidências em vez de alegações de marketing. Podem insistir em testes de acessibilidade. Podem buscar o envolvimento das partes interessadas. Podem fazer perguntas difíceis antes de os contratos serem assinados, em vez de depois que os problemas surgirem. Toda decisão de aquisição envia uma mensagem sobre quais padrões importam.

> **O QUE AS ORGANIZAÇÕES PODEM EXIGIR ANTES DE ASSINAR**
>
> Divulgações significativas, validação independente, evidências em vez de alegações de marketing, testes de acessibilidade e envolvimento das partes interessadas.

Quem Moldará o Futuro

O futuro da IA de língua de sinais não será determinado apenas por desenvolvedores de software, pesquisadores ou investidores. Ele também será determinado pelos padrões que a sociedade escolher estabelecer em torno dessas tecnologias. Será moldado

por responsáveis por aquisições que decidem quais perguntas devem ser respondidas antes da implantação. Será influenciado por formuladores de políticas que determinam como é a responsabilização. Será guiado por defensores que insistem que a acessibilidade não pode ser reduzida a linguagem de marketing. Mais importante ainda, será afetado pelo fato de as comunidades Surdas serem tratadas como participantes ativas nas discussões de governança, em vez de sujeitos passivos de experimentação tecnológica.

A Janela Para a Governança Proativa

A tecnologia continuará avançando independentemente de a governança conseguir acompanhá-la. Isso parece certo. A pergunta mais importante é se estamos dispostos a construir as estruturas de responsabilização necessárias para garantir que a inovação sirva às comunidades, em vez de simplesmente ultrapassá-las. A história sugere que esperar até que os problemas surjam raramente é a melhor estratégia. A oportunidade existe agora mesmo para criar padrões significativos, estabelecer estruturas de avaliação transparentes e garantir que as comunidades Surdas tenham um lugar à mesa enquanto esses sistemas ainda estão sendo moldados. A janela para a governança proativa permanece aberta, mas a história também ensina que essas janelas não permanecem abertas para sempre.

À medida que a IA de língua de sinais continua sua rápida evolução, talvez a pergunta mais importante já não seja se a tecnologia pode ser construída. Cada vez mais, parece que sim. A pergunta mais urgente é se as instituições que cercam essa tecnologia desenvolverão o mesmo nível de maturidade, responsabilização e transparência. A inovação sozinha nunca garantiu resultados equitativos. É a governança que determina se a inovação acaba beneficiando as comunidades que afirma servir. As decisões tomadas nos próximos anos podem influenciar a acessibilidade, os direitos linguísticos, as práticas de aquisição e a confiança da comunidade Surda por décadas. Essa realidade merece muito mais atenção do que está recebendo atualmente.

TIPS

Know something about a sign language AI system that the public should know? Send it to tips@novaracg.com. Every tip is read by me and kept confidential. If you work in the UK, writing to us is not by itself a protected disclosure under the Public Interest Disclosure Act 1998, so before you share employer information, check your options with Protect (protect-advice.org.uk), the free whistleblowing advice line.

SUPPORT NCG

NCG does this work without vendor money, so our findings stay ours. If it has been useful to you, you can support NCG's independent work here. NCG is a for-profit company, not a charity. Contributions are not tax-deductible and buy no service or influence.

Como citar

Grizzle, H. M. (2026, June 4). O Fosso da Governação: O Que Acontece Quando a IA de Língua Gestual Ultrapassa a Responsabilização?. Novara Consulting Group. https://www.novaracg.com/pt/2026/06/04/the-governance-gap-what-happens-when-sign-language-ai-outpaces-accountability/